

Projetar espaços lúdicos em Escola de Educação Infantil com a participação das crianças.

Design playful spaces in a Kindergarten School with the participation of children

Diseñar espacios lúdicos en una Escuela Infantil con la participación de los niños.

SILVA, Rogério Correia da

Doutor em Educação, FAE UFMG, rogex.correia@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta algumas reflexões sobre as relações entre a arquitetura e educação infantil, especificamente sobre a participação das crianças na projeção de espaços lúdicos. Trata-se de um projeto de construção de uma pista de carrinhos em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Belo Horizonte e faz parte do conjunto de atividades desenvolvidas pelas estudantes de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID / UFMG. Desenvolvemos, ao final, algumas considerações sobre o impacto do novo espaço na vida das crianças e sobre propostas que considerem um diálogo maior entre a escola e a cidade.

PALAVRAS-CHAVES

educação infantil- arquitetura- participação da criança- formação inicial, brincar

Design playful spaces in a Kindergarten School with the participation of children

ABSTRACT

The article presents some reflections on the relationship between architecture and early childhood education, specifically on the participation of children in the design of playful spaces. This is a project to build a cart track at a Municipal School of Early Childhood Education (EMEI) in Belo Horizonte and is part of the set of activities developed by Pedagogy students from the Institutional Program of Scholarship for Teaching Initiation, PIBID / UFMG. In the end, we developed some considerations about the impact of the new space on children's lives and about proposals that consider a greater dialogue between the school and the city.

KEY WORDS:

early childhood education- architecture- child participation- initial training- play

Diseñar espacios lúdicos en una Escuela Infantil con la participación de los niños.

RESUMEN

El artículo presenta algunas reflexiones sobre la relación entre la arquitectura y la educación infantil, específicamente sobre la participación de los niños en el diseño de espacios lúdicos. Este es un proyecto de construcción de una pista de carros en una Escuela Municipal de Educación Infantil (EMEI) en Belo Horizonte y forma parte del conjunto de actividades desarrolladas por estudiantes de Pedagogía del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Enseñanza, PIBID/UFMG. Al final, desarrollamos algunas consideraciones sobre el impacto del nuevo espacio en la vida de los niños y sobre propuestas que consideren un mayor diálogo entre la escuela y la ciudad.

PALABRAS CLAVE:

educación infantil- arquitectura- participación infantil- formación inicial, juego



1-INTRODUÇÃO

Construir espaços *para e com* as crianças. O que significa para nós e para as crianças a ideia de se criar novos ambientes dentro de uma instituição de Educação Infantil, a fim de potencializar o seu brincar? Como o espaço projetado dialoga com a proposta pedagógica da escola? Como formar futuras professoras tendo como foco a centralidade da criança e o seu brincar?

Este artigo visa apresentar reflexões sobre as relações entre arquitetura e educação a partir de um relato de experiência sobre a participação de crianças na resignificação de espaços externos de uma Escola de Educação Infantil.

2-PROJETAR ESPAÇOS EXTERNOS DAS ESCOLAS INFANTIS COM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

“... os pátios de escolas de Educação Infantil, espaços destinados às crianças, mas nem sempre planejados e construídos para elas.”. (TOLEDO, 2017, p.196)

A brincadeira é uma forma peculiar da criança apropriar-se do mundo e produzir cultura. É a sua forma privilegiada de se expressar, de se relacionar, descobrir, explorar, conhecer e construir significados para si sobre o mundo que a cerca. Na formação de futuros educadores infantis, tal tema envolve o ensino e o planejamento de propostas educativas que incluam a oferta de diferentes opções de brincadeiras, num estreito diálogo com as culturas infantis, disponibilizando às crianças diversos espaços, tempos e materiais. Esta ação traz como desafio a criação de novos espaços voltados para o brincar dentro das instituições de Educação Infantil. Seus espaços externos tem um enorme potencial educativo.

Apesar do brincar ser um importante tema desta etapa da vida da criança, projetar espaços externos das escolas infantis voltados para tal prática traz como primeiro ponto um problema. Os espaços externos são considerados pelas crianças seus locais preferidos na escola, todavia, apesar disso, eles são negligenciados pelos adultos, pois recebem menos investimento, tanto por boa parte de quem os projeta quanto por quem nele trabalha diariamente com as crianças.

Pesquisas atestam a predileção das crianças pelos espaços externos das escolas de educação infantil e seu uso voltado para as práticas de brincadeiras. Ao consultar as crianças sobre o significado da Educação Infantil na perspectiva das crianças, Silveira (2004) utilizou a produção de imagens das crianças onde a área externa foi fotografada por quase todas elas. Esse era o local de que mais gostavam, voltado para o brincar e a diversão, sendo considerado o “prêmio” que recebiam quando faziam “tudo certo”. Em Araújo (2008) reafirma-se também nos desenhos das crianças a sua predileção pelas áreas externas. Na consulta sobre qualidade da educação infantil (CAMPOS; CRUZ, 2006), as falas das crianças revelaram a necessidade que elas sentem dos espaços externos e o valor atribuído aos brinquedos e brincadeiras que acontecem fora da sala de referência da turma.

Apesar do evidente interesse das crianças pelas áreas externas, a ausência de um planejamento deste espaço nas escolas de Educação Infantil e mesmo na sua existência, as suas dimensões diminutas e seu uso desqualificado tem sido motivo de preocupação por parte dos pesquisadores. Horn (2013), num estudo nacional sobre a ocupação e uso das Unidades de Educação Infantil que faziam parte do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância), constatou dentre outras coisas que as áreas externas além de reduzidas eram pouco utilizadas por professores e crianças. Também constatou a pouca presença de elementos da natureza nesses espaços. Por fim, a pesquisa constatou a pouca presença de aparelhos como brinquedos de grande porte e bancos.



Apesar dos estudos acima citados apresentarem um descompasso entre as preferências das crianças pelas áreas externas das instituições de educação infantil, de um lado, e o investimento que estas mesmas áreas recebem pelos adultos na projeção de espaços e ambientes para o brincar de outro, defendemos a importância de se considerar a projeção destes locais com a participação das crianças. A primeira hipótese a considerar em defesa desta proposta é a de que os espaços em que as crianças participam de sua construção traz como consequência uma maior identidade e apropriação deste local por elas. Toledo (2017) analisou 150 fotografias de pátios de 9 escolas de Educação Infantil de 8 municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro. Dos resultados desta pesquisa, todos os pátios pesquisados apresentaram poucas marcas e vestígios das crianças, considerando como marcas as produções deixadas intencionalmente e os vestígios as marcas não intencionais. Conclui a autora que isto sinalizava que os pátios eram espaços de que as crianças pouco se apropriavam, pouco participavam de sua construção e que pouco os transformavam.

Como afirma Alison Clark (2005), projetar espaços e ambientes na Educação Infantil com a participação das crianças nos dá uma noção mais clara sobre o que constitui um lugar na perspectiva destes sujeitos. É quando nos aprofundamos na compreensão das suas necessidades, nos dando um conjunto alternativo de prioridades que levem em conta as particularidades dos usuários e seu contexto local.

Sobre este assunto citamos também os questionamentos da arquiteta e professora Mayumi Souza Lima. Em seu artigo, ainda em 1979, quando relatava sua participação na equipe que atuava na reforma de prédios escolares para o estado de São Paulo, Lima propôs a participação das crianças, desenvolvendo diferentes metodologias de escuta e diálogo com os grupos infantis. A autora conclui que, se por um lado, os resultados revelaram a dificuldade de se chegar a um olhar das crianças sobre o espaço, já que elas reproduziram em seus projetos os padrões arquitetônicos dos adultos, por outro lado, elas mostraram uma capacidade maior para responder a estímulos novos, transformando os espaços a partir de um uso que lhes é próprio.

Pensando na afirmação de Clark e Lima quando nos abrimos à escuta da criança, seus desejos e necessidades, Simon Nicholson (1971) e Herman Hertzberger (2006) nos trazem contribuições importantes ao conceberem o espaço como uma obra aberta sujeita às interferências e modificações e apropriações de seus usuários.

Em um artigo publicado em um jornal de arquitetura e paisagismo no início dos anos 70, Nicholson (1971), apresentou uma teoria que ele próprio chamou de “*the theory of loose parts*” (que traduzimos como a teoria das partes soltas). Nicholson desenvolveu sua teoria a partir da seguinte tese: “em qualquer ambiente, tanto o grau de inventividade e criatividade quanto a possibilidade de descoberta são diretamente proporcionais ao número e tipo de variáveis nele presentes”. Neste sentido, quanto mais partes soltas forem disponibilizadas às crianças no ambiente, maior será a sua participação, mais marcas elas atribuirão ao espaço e maior será a sua apropriação.

Herman Hertzberger, responsável por projetos de muitas escolas montessorianas em seu país, considera relevante a participação dos usuários nos projetos das escolas. Assim, ele concebe os espaços escolares como a oferta de um conjunto de ferramentas e estruturas espaciais a serem preenchidas pelos seus usuários. Numa referência direta ao trabalho de Hertzberger, Lima afirma que “... a sua obra dá abertura a que os utilizadores possam apropriar-se do espaço e encará-lo como seu, manipulá-lo a seu gosto e, assim, fazer uso de algo que fora projetado pelo arquiteto” (LIMA, 2016, p. 81). Assim, se os usuários podem participar da constituição dos espaços estamos falando também de atribuir-lhes responsabilidades (HERTZBERGER, 2006, 24).

A busca por metodologias mais participativas na construção de ambientes escolares que envolvam as crianças e toda a comunidade escolar (pais, professores) tem sido uma preocupação não somente de quem pesquisa e trabalha com a elaboração de espaços escolares, como também é a tônica dos próprios documentos oficiais e de formulação de políticas públicas que buscam definir critérios de qualidade para



os espaços de educação infantil. Podemos citar a título de exemplo o documento Parâmetros Básicos de Infraestrutura para as Instituições de Educação Infantil (2006).

Numa primeira síntese das discussões apresentadas até o momento, acreditamos que projetar espaços com a participação das crianças muito mais do que uma leitura do adulto sobre as necessidades e interesses das crianças, pode ser considerada uma forma de perceber o espaço pelos olhos da criança (NASCIMENTO, 2014).

Neste sentido, crianças precisam participar dos projetos arquitetônicos dos espaços infantis caracterizando-os como um lugar em constante transformação, ao mesmo tempo com estruturas arquitetônicas feitas pelos adultos.

3- O PROJETO PISTA DE CARRINHOS

O pequeno relato que aqui passamos a apresentar trata da construção de uma “pista de carrinhos” por meio da parceria entre o PIBIDⁱ Pedagogia/UFMG e a EMEIⁱⁱ Santa Amélia (figura1). A escola está localizada no bairro Jardim Atlântico, na região da Pampulha, cidade de Belo Horizonte. Possui cerca de 380 alunos e funciona em dois turnos, manhã e tarde. As crianças da EMEI possuem entre 1 e 6 anos de idade e são majoritariamente dos bairros da região. O projeto surgiu de uma demanda de professores e da direção da própria EMEI por proporcionar às crianças da escola novos espaços externos voltados para suas brincadeiras. Avaliamos que um projeto desta natureza seria excelente oportunidade de formação para nossas estudantes para tratarmos da importância do brincar na formação das crianças. Seria uma ótima oportunidade para observar as crianças em situações de brincadeira, de possibilitar estudos e promover trocas de experiência com os professores da instituição.

Figura 1 Imagem satélite EMEI Santa Amélia com identificação dos espaços externos voltados para as brincadeiras



Fonte: Google Earth (2023) adaptado por autores.

A escola dispunha de um amplo espaço externo que valorizava muito o brincar das crianças. Dos 3.200 metros quadrados do terreno, cerca de 2.000 eram destinados aos pátios, parquinhos, áreas verdes, hortas. O parque de brinquedos ao lado de uma grande e frondosa mangueira, era o local preferido das crianças.

Em nossas observações, constatamos a pouca presença de vestígios e marcas das crianças nos espaços externos utilizados por elas, assim como a ausência de uma proposta que considerasse as crianças como participantes ativas na modificação e no design de suas “paisagens lúdicas” (ROBERTSON, 2017). Poderiam ser considerados ambientes muito limpos e estáticos, prontos e acabados considerados locais que ofereciam poucas possibilidades para intervenção das crianças. Os pátios da EMEI apesar das estruturas oferecidas eram pobres em termos de oferta de “partes soltas” (NILCHOLSON, 1971).

O local escolhido para construir a pista de carrinhos ficava na lateral do prédio próximo ao parquinho e onde funcionava a cozinha, a lavanderia e o vestiário das funcionárias (figura 1). Era uma área plana e pouco freqüentada pelas crianças. A área permanecia sombreada pela mangueira durante boa parte do dia.

A pista de carrinhos foi desenvolvida a partir da pedagogia de projetos. Após ser apresentada a proposta para crianças e professoras, solicitamos as crianças que desenhasssem sobre suas experiências de se locomoverem pela cidade focando no trajeto que elas faziam das suas casas à EMEI. Dentre o que as crianças viam no trajeto que faziam pela cidade podemos citar: pessoas nas vias, elementos da natureza como árvores e sol; animais como gatos e cachorros; estabelecimentos comerciais como padarias, shoppings, posto de gasolina; vários tipos de carros de passeio, vans, carros de bombeiro, carrinho de cachorro quente; e objetos presentes nas vias públicas como lixeiras e caçambas. Além desses elementos, as crianças também identificaram muitos sinais de trânsito e o significado destes sinais.

Elegemos o momento da brincadeira das crianças no espaço onde seria construída a pista de carrinhos como mote da pesquisa sobre os desejos e necessidades das crianças. A proposta era que as crianças acolhessem a ideia de brincar de carrinhos no espaço escolhido. Para dar a ideia de um espaço em construção e com a participação das crianças, além de as levarmos semanalmente para o espaço citado, entregávamos para todas giz de lousa para que individualmente ou em grupos criassem suas próprias pistas desenhando-as no chão. Foram disponibilizados pequenos carrinhos para que elas brincassem nas pistas desenhadas. Pudemos captar os processos criativos das crianças em interação com os espaços e materiais (os traçados das pistas, o carrinhos pequenos disponibilizados, o chão, as paredes, as muretas e os brinquedos de grande porte presentes no espaço próximo) e o envolvimento corporal das crianças, durante os momentos de brincadeiras no ambiente da pista de carrinho.

Nossas observações destes momentos nos levaram a identificar os traçados da pista que desenhávamos. Descobrimos que as crianças aproveitaram muito mais do que o espaço que acreditávamos ser o ideal para a pista. Elas passaram a traçar pistas na parede lateral próximo ao espaço e a utilizar uma estreita mureta que dava uma pista já pronta. Desta forma, a pista saía do chão do pátio, subia pela parede e seguia pela mureta do pátio em toda sua extensão, como uma estreita pista numa grande encosta na montanha.

Nas turmas maiores pedimos às crianças que desenhassem um croqui sobre o que entendiam como pista em papel Kraft, bem como os elementos que compõem esse espaço. Foi observado, através dos seus desenhos, que elas desenharam muitos elementos ao redor da pista - como casas, sinalizações e árvores.

Para a construção da pista definitiva reservamos espaço para futuras construções e introduzimos a paisagem que as crianças relataram e representaram nos desenhos. Além disso, buscamos um traçado que fosse o mais próximo dos desenhos das crianças. Para isso, utilizamos como referência para a pista o traçado que elas haviam feito no chão e escolhemos os gestos mais significativos, que melhor representavam às suas falas sobre o que observavam nas ruas, para compor a paisagem. Dentre os desenhos selecionados, destacam os elementos da natureza, casas, animais, o prédio da escola, o Mineirão (estádio de futebol) e o carro do corpo de bombeiros. Depois, colamos esses desenhos em papel Kraft e fizemos a reprodução da pista no mesmo tipo de papel, para serem desenhados e pintados no espaço determinado.

Ao final da primeira etapa do projeto, a pintura da pista de carrinhos e do mural foram realizadas pelas bolsistas do PIBID, com acompanhamento e colaboração dos professores (figura2).

Figura 2 - Pista de carrinhos com outros elementos ligados à cidade



Fonte: do autor

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da pista de carrinhos, a partir das produções das crianças e das possibilidades que elas nos apresentavam, buscou, durante todo o processo, valorizar suas vivências e promover aprendizados por meio do brincar e da apropriação dos espaços da EMEI. Todavia, retornando a esta experiência, provocados pelas questões propostas por Azevedo (2019) em texto sobre “o habitar das crianças no espaço público”, sentimos que alguns questionamentos vieram à tona. Azevedo tece uma crítica à especialização excessiva de projetos de espaços públicos ao criarem “os lugares para as crianças”. A partir desta afirmação, somos levados a identificar que o brincar na Educação Infantil também existe limitações como esta. No caso da pista, mesmo com toda a metodologia desenvolvida, ao focar no produto mais do que as situações vividas talvez tenhamos produzido o inverso do que havíamos proposto. A escolha da pista de carrinhos como uma local para o brincar das crianças trouxe esta noção de especialização do lugar para um determinado tipo de brincadeira e a forma como a pista foi concebida como produto acabado também limitou o espaço a novas possibilidades criadas pelas crianças a partir do uso que fizessem dela.

Destacamos que a experiência da pista de carrinhos possibilitou um diálogo entre a escola e a cidade ao trazer à tona a experiência das crianças de circularem pela cidade em automóveis. As crianças tiveram oportunidade de narrar suas experiências de deslocamento pela cidade, trazendo elementos como os locais onde circulavam diariamente, os motivos destes deslocamentos (compras, passeios), alguns marcos arquitetônicos da cidade (lagoa da Pampulha, o estádio de futebol), alguns sinais de trânsito que regulam esta circulação. Buscamos documentar e registrar parte desta experiência ao transpor na forma de grandes murais os desenhos das crianças para as paredes que circundam a pista.

Ironicamente, a pista de carrinhos nos faz pensar sobre um dos principais motivos para estarmos tão focados em propostas do brincar das crianças em instituições de Educação Infantil. Na escola as crianças brincam de dirigir pela cidade quando a cidade não permite a elas espaços para brincarem. Sob a tutela dos adultos e sob o pretexto de protegê-las, as crianças encontram-se confinadas em lugares que a sociedade lhes reservou. Diante de uma lógica tão desumanizadora de territorialização, as crianças possuem hoje vivências precarizadas de espaço. A cidade se desumaniza quando retira a criança de seus

espaços públicos, perdendo em segurança, solidariedade e controle social. As crianças necessitam da cidade, tanto quanto a cidade necessita delas.

Chegamos assim ao entendimento de que a melhoria da qualidade da infância das crianças e de uma escola infantil não passava apenas pela melhoria da qualidade dos seus espaços e ambientes internos. A proposta de uso de outros espaços extra-muros (como praças, áreas verdes, a própria rua) seria a solução para muitas escolas que possuem poucas áreas externas. Todavia, sabemos que uma das principais dificuldades de aplicação desta proposta encontra-se na própria escola em romper os muros e destrancar seus portões. Esta abertura exigiria o diálogo com espaços que a escola via como hostis como as ruas, o bairro ou mesmo a própria cidade. Necessitamos buscar e/ou propor experiências que nos ajudem a pensar em “pistas” que possam transformar a escola no centro articulador do Território Educativo.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, V. C. **A brincadeira na instituição de educação infantil em tempo integral**: o que dizem as crianças? 2008. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

AZEVEDO, Giselle, A. Sobre o habitar da criança no espaço público: desenclausurando a infância. In AZEVEDO, G. A. (org). **Dialogos entre arquitetura, cidade e infância**. Territorios Educativos em ação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2019, pp. 22-35

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para instituições de Educação Infantil**. Brasília, 2006.

CAMPOS, M. M.; CRUZ, S. H. V. **Consulta sobre a qualidade na educação infantil**: o que pensam os sujeitos deste direito. São Paulo: Cortez, 2006.

CLARK, Alison. Talking and listening to children..In: DUDEK, Mark. **Children´s Spaces**. Oxford: Architectural Press, 2005. P.1- 13.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HORN, Maria da G. S. **Diagnóstico da utilização dos espaços físicos das unidades do PROINFANCIA**, por amostra, apontando as principais distorções, subutilizações e dificuldades na organização dos espaços físicos conforme proposto no projeto. MEC, Brasília, 2013.

LIMA, Anatilde S. **O projeto do espaço educativo**. O kindergarten na gênese da escola contemporânea de Herman Hertzberger. Porto, Universidade do Porto, dissertação de mestrado em arquitetura, 2016

LIMA, Mayumi W. S. A criança e a percepção do espaço. **Cadernos de Pesquisa**: Fundação Carlos Chagas. São Paulo, n.31, 1979, p.73-80, 1979.

LIMA, Mayumi W. de Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

NASCIMENTO, Andrea Z. S. do. **A criança e o arquiteto**: quem aprende com quem? São Paulo: Annablume, FAPESP, 2014.

NILCHOLSON, Simon. How not cheat children, The theory of loose parts. **Landscape Architecture**, v. 62, p. 30-35, 1971.

SILVEIRA, D. de B. A escola na visão das crianças. In: **27ª Reunião Anual da ANPED – GT 07**, Caxambu/ MG, 2004. Disponível em: . Acesso em: 25 mai. 2016.

TOLEDO, Maria L. P. Borges. Pátios de escolas de educação infantil: entre o exposto e o escondido, marcas e vestígios. **Educação Pesquisa**. São Paulo, v. 43, no. 1 p.177-198, jan-mar, 2017.

ⁱ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, é um programa federal dedicado a fomentar a iniciação à docência de estudantes das instituições federais de educação superior, em cursos de licenciatura presencial plena, para atuar na educação básica pública. Entre os objetivos de nosso trabalho buscou-se refletir sobre os fundamentos da prática pedagógica

e dos sentidos da docência na Educação Infantil, levando as estudantes a participarem das atividades em curso na escola de educação infantil.

ⁱⁱ Escola Municipal de Educação Infantil